

## O VÍDEO NA ESCOLA EM PORTUGAL

José Casimiro Martins CALDAS  
Bento Duarte da SILVA

Universidade do Minho

### Resumo

O desenvolvimento da tecnologia vídeo na década de 70, com a conseqüente construção de equipamentos domésticos e baratos, levou à generalização do seu uso na sociedade. Na década de 80 as escolas incorporaram este recurso tecnológico no âmbito da comunicação educativa que passou a constituir o paradigma da Tecnologia Educativa. A existência de equipamentos e documentos vídeo nas escolas e a sua utilização no ensino-aprendizagem generalizou-se e terá entrado numa "rotina" de utilização, tal como aconteceu anteriormente com outros equipamentos audiovisuais.

Esta generalização e, pelo menos aparente, normalização da utilização do vídeo nas escolas portuguesas não pode deixar de nos questionar. As rotinas em torno da utilização do vídeo nas escolas criam uma situação por excelência para se averiguar quais as suas valências que estão a contribuir para uma melhoria da qualidade do trabalho educativo. Em plena época de introdução das novas tecnologias da informação, com a entrada de novas e poderosas formas de comunicação suportadas por meios informático, torna-se urgente uma avaliação da realidade portuguesa no que diz respeito à utilização do vídeo na educação.

De que forma o vídeo está organizado e é utilizado nas escolas? Que formação têm os professores para utilização do vídeo? Que investigação tem sido feita em Portugal sobre o papel do vídeo na educação? Que projectos e incentivos se têm desenvolvido no sentido da dinamização e optimização do vídeo na acção educativa? Que futuro para o vídeo nas escolas? São questões que colocamos e que procuramos validar na nossa investigação. Não se trata de um trabalho definitivo, mas apenas a abordagem inicial de uma linha de investigação que urge fazer.

### 1. De que forma o vídeo está organizado e é utilizado nas escolas?

O vídeo começa a ser introduzido nas escolas na década de 80, com o aparecimento de videogravadores domésticos, a preço mais acessível, nos sistemas Beta e VHS. O preço relativamente baixo das cassetes e a facilidade em se gravar programas dos canais de televisão permitiu a criação de videotecas nas escolas. A Telescola<sup>1</sup>, sub-sistema de ensino com característica de ensino à distância, começa a utilizar as videocassetes a partir de 1988, deixando de se suportar nas emissões TV em directo, até aí utilizadas.

Como contributo para responder à questão *de que forma o vídeo está organizado e é utilizado nas escolas?* Utilizamos o exemplo de um percurso de implementação e utilização da tecnologia vídeo numa escola secundária de Matosinhos. Não se podendo generalizar, nem constituindo qualquer tipo de avaliação, devemos entender o percurso descrito como um conjunto de dados que, analisados juntamente com ou de outras escolas, poderão ajudar a encontrar uma resposta à pergunta formulada.

---

<sup>1</sup> A Tele-Escola teve início em 1964 como solução para alargar o 5º e 6º anos de escolaridade a um maior número de alunos, passando a escolaridade obrigatória para 6 anos. A sua designação foi, depois, alterada para Ciclo Preparatório TV e, finalmente, para Ensino Básico Mediatizado (EBM). Com a publicação do Despacho Conjunto nº 598/2001 o EBM é integrado na DREN que promoverá a sua extinção gradual.

Em 1986, por oferta da Associação de Pais, foi instalado<sup>2</sup> um televisor e um videogravador VHS no anfiteatro da escola<sup>3</sup>, sala com capacidade para 90 alunos. Em simultâneo, os professores dos diversos grupos disciplinares foram constituindo videotecas específicas. Sempre que um professor queria utilizar o vídeo, requisitava o anfiteatro e levava para lá os seus alunos. A forma de utilização do vídeo era essencialmente o visionamento de documentários, com interrupções para análise ou não, e a projecção ocasional de filmes.

Em 1992, por razões de sobre-utilização do único videogravador e por razões pedagógicas<sup>4</sup>, foram adquiridos 3 videogravadores, 3 televisores e 3 carrinhos para apoio e transporte dos equipamentos<sup>5</sup>.

Em 1993 é adquirida a primeira câmara de vídeo de formato V8 e é fornecido, pelo Ministério da Educação, uma câmara de vídeo para adaptação ao microscópio óptico e uma outra câmara de formato VHS-C. Esta câmaras são utilizadas no registo de actividades escolares, nomeadamente visitas e actividades culturais organizadas pela escola e no registo de aulas no âmbito dos núcleos de estágio de formação de professores. Verifica-se, também, a produção de alguns vídeos por parte dos alunos. Neste mesmo ano inicia-se o curso tecnológico de *Artes e Ofícios - Fotovideo* do Ensino Secundário. No âmbito da disciplina de vídeo, realiza-se uma emissão de televisão na escola onde se procura promover a participação da comunidade escolar.

Em 1994 é adquirido um computador Macintosh, para realização de montagem vídeo em suporte digital. No entanto, a utilização deste equipamento ficou restrito à utilização pelos alunos do curso de Fotovideo. Adquire-se, também, uma câmara de vídeo Hi8, uma mesa de efeitos para vídeo e equipamento de som.

De então para cá, a expressão do vídeo nesta escola conta com: emissões ocasionais de televisão, produção de alguns documentos vídeo pelos alunos e professores, projecção ocasional de filmes, utilização da câmara para apoio às observações ao microscópio óptico e exploração de documentos vídeo na sala de aula, modalidade mais frequente. A par disto, existe no centro de recursos uma videoteca com cerca de 200 títulos, entre filmes e outros géneros, e cada grupo disciplinar possui a sua videoteca especializada. Quanto às formas como os videogramas são explorados na sala de aula, os indícios apontam para o visionamento, essencialmente de documentários, complementado por trabalho de análise do documento. Verifica-se também algum trabalho de adaptação, no sentido de os tornar mais didácticos, de documentos gravados da televisão. O número de conjuntos videogravador, TV e carro de transporte é de 6 e existem na mediateca dois videogravadores onde é possível a cópia de cassetes.

Em síntese, na década de 90 verificou-se uma evolução significativa no acesso aos equipamentos, particularmente ao videogravador, de modo que os equipamentos para vi-

<sup>2</sup> Por medida de segurança, foi criado um fosso na parede, com porta em ferro. As medidas de segurança são sempre uma preocupação acrescida para as escolas, nomeadamente quando se trata de equipamentos electrónicos

<sup>3</sup> Sala em anfiteatro com cadeiras amovíveis e com prancheta de trabalho.

<sup>4</sup> Começa a perceber-se que a deslocação da turma para ver vídeo constituía um processo pouco prático e origem de instabilidade na turma. Por outro lado, a utilização de documentos vídeo de curta duração e a realização de actividades complementares ou de exploração do documento exige que a turma permaneça na sua sala de aula (Caldas, 1992).

<sup>5</sup> Desta forma, o vídeo e o televisor são colocados nas salas em que cada turma tem normalmente a aula.

sionar videogramas podem ser deslocados para a totalidade das salas de aula da escola, sem necessidade de deslocar os alunos. A esta facilidade de acesso associa-se uma generalização da exploração de documentos vídeo, particularmente nas aulas de Ciências Naturais, Geografia, História e Línguas. Por outro lado, a produção de documentos vídeo e a utilização da câmara vídeo tem sido muito irregular.

Para um estudo aprofundado sobre as formas como a tecnologia vídeo se desenvolveu e é hoje utilizada nas escolas portuguesas, muitas outras experiências de escolas terão de ser consideradas. Pensamos ser este um campo de investigação urgente em Portugal, pela sua importância na definição de linhas orientadoras para a gestão das escolas, para o trabalho dos professores e para o desenvolvimento de projectos educativos.

## 2. Que formação têm os professores para a utilização pedagógica do vídeo?

Quanto à formação dos professores no que diz respeito à utilização do vídeo e do audiovisual em geral, vamos considerar a formação inicial, a formação contínua e a pós-graduação.

O arranque da leccionação de disciplinas relacionadas com a Tecnologia Educativa terá sido em 1975 nos cursos de formação de professores nas Universidades de Aveiro e do Minho (Blanco e Silva, 1993). Em anos seguintes, disciplinas desta natureza foram alargadas a outras escolas de formação de professores que, assim, contemplavam uma formação inicial no âmbito das Tecnologias Educativas. O próprio conceito das Tecnologias Educativas foi superando a ideia da mera utilização dos recursos audiovisuais, centrando-se na ideia da comunicação educacional como um factor determinante da aprendizagem. Neste contexto de formação em Tecnologia Educativa é contemplada a formação de professores em vídeo e a sua utilização pedagógica.

Quanto à formação em serviço e contínua dos professores, a Tecnologia Educativa também tem sido contemplada. O módulo *Desenvolvimento Curricular, Didáctica específica e Tecnologia Educativa* começa a fazer parte da profissionalização em serviço a partir de 1988. O mesmo se verifica com o módulo de *Introdução à Comunicação Educacional*, da Universidade Aberta (Blanco e Silva, 1993).

No âmbito da formação contínua, para além de diversas acções promovidas pelas escolas, o programa FOCO tem permitido o desenvolvimento de diversas acções relacionadas com a utilização educativa dos meios audiovisuais e, particularmente do vídeo em educação. É exemplo o curso *O Vídeo na Escola*<sup>6</sup> promovido pelo Centro de Formação de Professores de Associação de Escolas de Matosinhos – PRÓfessor desde 1993 e que tem funcionado uma a duas vezes por ano.

Os cursos de Pós-Graduação, Diploma de Estudos Especializados (DESE) e Mestrado, definem um momento de *desenvolvimento* da Tecnologia Educativa<sup>7</sup>. A nível dos DESE destacam-se os ministrados em *Comunicação Educacional Multimedia* (ESE de Santarém) e em *Novas Tecnologias no Ensino* (CEFOP da U.M.). A nível dos mestrados destacam-se os de *Tecnologia Educativa* da Universidade do Minho (desde 91/92) e da Universidade de

<sup>6</sup> Curso com a duração de 50 horas, com uma componente teórica e outra prática. Aborda aspectos diáctico-pedagógicos, técnicos e a linguagem vídeo. Desde 1993 já frequentaram este curso cerca de 200 professores.

<sup>7</sup> Blanco e Silva (1993) definem, como etapas da história da Tecnologia Educativa em Portugal, três momentos: *arranque, afirmação e desenvolvimento*.

Aveiro (em 91/92) e o mestrado em *Comunicação Educacional Multimedia* da Universidade Aberta (desde 91/92). Estes cursos de pós-graduação contemplam formação em tecnologia vídeo, tendo proporcionado o desenvolvimento de diversas dissertações nesta área.

Como síntese, podemos referir que, na década de 90, se verifica um crescendo na formação dos professores em Tecnologia Educativa com importantes contributos para o dia-a-dia das escolas e dos professores. A este aumento na formação tem sido acompanhada por um apetrechamento tecnológico das escolas, nomeadamente em equipamento vídeo. No entanto, algumas investigações sobre a utilização dos audiovisuais nas escolas (Silva, 1989; Moderno, 1993; Oliveira, 1996; Loff, 2001) têm evidenciado uma realidade caracterizada por recursos insuficientes, dificuldades de utilização do equipamento, insuficiente preparação dos professores, gestão das escolas pouco adequada à Tecnologia Educativa e utilização pedagógica do vídeo ainda muito associada ao papel do professor como ensinante e não ao aluno como aprendiz.

### **3. Que investigação tem sido feita em Portugal sobre o papel do vídeo na educação?**

No campo da Tecnologia Educativa têm sido desenvolvidas as seguintes linhas de investigação: *Aplicação das Teorias da aprendizagem à estruturação do conhecimento; Desenvolvimento de métodos, estratégias e técnicas de ensino-aprendizagem; Exploração dos recursos tecnológicos da informação e da comunicação; Utilização de sistemas de planificação, de gestão e de avaliação na análise dos problemas e soluções educativas* (Blanco e Silva, 1993:51).

A investigação em Tecnologia Educativa em Portugal é muito recente, com a maior parte dos trabalhos desenvolvidos já na década de 90. Utilizando bases de dados de Universidades, de Bibliotecas e de outras instituições, confinamos a nossa pesquisa à investigação sobre a tecnologia vídeo, procurando trabalhos de investigação sobre vídeo, utilizando as seguintes palavras chave: vídeo, vídeo, videograma, audiovisuais, audiovisual, televisão. Para análise e selecção dos documentos encontrados, utilizamos os seguintes critérios:

- Investigações sobre o vídeo educativo, em qualquer dos contextos em que a educação se possa desenvolver: presencial, à distância, formal e informal.
- Investigações sobre o audiovisual, quando consideravam a tecnologia vídeo e/ou as condições para a utilização do audiovisual em contexto educativo.
- Investigações sobre a televisão, quando a consideravam como interveniente na educação escolarizada.

São os seguintes os documentos encontrados na pesquisa:

#### **3.1. - Revista Portuguesa de Educação**

Total de publicações: 27 de 1988 a 2000

Total de artigos: 254

Total de artigos sobre o vídeo ou audiovisual: 4 – Silva (1989);

Moderno (1993); Blanco e Silva (1993); Carvalho (1993).

Este último artigo preocupa-se unicamente com a tecnologia vídeo e sua utilização educativa, no entanto, refira-se que o Vol. 6, nº3 de 1993 desta revista<sup>8</sup> é integralmente

<sup>8</sup> Editada pelo Centro de Estudos de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

dedicada à Tecnologia Educativa, pelo que, de uma forma ou outra, haverá outros artigos que contribuirão com importantes dados para a utilização educativa do vídeo.

3.2. - *Base de Dados de Literatura Cinzenta* (TESISbase) e *Base Nacional de Projectos de Investigação em Educação* (INVESTIG-base) do Centro de Documentação e Informação do Instituto de Inovação Educacional, Centro de Documentação da Universidade do Minho e Centro de Documentação da Universidade Aberta. Os documentos identificados referem-se a trabalhos de dissertação de pós-graduação que abrangem as seguintes áreas de investigação: utilização dos recursos audiovisuais, modalidades de utilização do vídeo em sala de aula, metodologia de produção de videocramas educativos. Foram encontrados um total de 28 registos.

Lista dos trabalhos de investigação identificados:

- **DESE (5)** – BARBOSA (1999); BRAGA (1999); NEVES, A. (1999); NEVES, J. (1999); RIBEIRO (1999).
- **Mestrado (20)** – AFONSO (1995); ALMEIDA (1994); ALMEIDA (1998); BARRELA (1998); BARROCA (1996); BRANCO (1999); CAEIRO (1993); CASTILHO (1995); FERRAZ (1995); GONÇALVES (1993); GUERREIRO (1997); HENRIQUES (1996); MARTINS (1996); OLIVEIRA (1996); OLIVEIRA, (1995); RIBEIRO (1999); ROSA (2000); SERRA (1996); SILVA (1989); SILVA (1999).
- **Doutoramento (3)** - DIAS (1989); MODERNO (1984); SILVA, (1997).

É bem notório o papel dos cursos de pós-graduação em Tecnologia Educativa, particularmente os de mestrado<sup>9</sup>, no incentivo à investigação sobre o vídeo na educação. Apesar de se referirem apenas dados quantitativos (nº de teses) a análise qualitativa já efectuada aponta para uma grande maioria de trabalhos de investigação aplicados a situações de sala de aula e de trabalho com alunos. Será um dado importante a considerar numa avaliação do impacto da investigação em Tecnologia Educativa na realidade das escolas e das salas de aula.

#### **4. Que projectos e incentivos se têm desenvolvido no sentido da dinamização e optimização do vídeo na acção educativa?**

Neste item integramos os mais diversos projectos que, de alguma forma, contribuem ou contribuíram para a dinamização do vídeo educativo ou da utilização da tecnologia vídeo pelas escolas.

4.1. *Centros Regionais de Recursos Educativos*, do Ministério da Educação, a funcionar desde o início dos anos 90, têm como funções (Moderno, 1993):

- Reunir, elaborar e difundir informações documentais úteis aos professores e estabelecimentos de ensino.
- Conceber e produzir documentos a utilizar pelos professores e alunos.
- Contribuir para a documentação e informação dos professores sobre métodos e conteúdos do ensino e da educação.
- Ajudar e aconselhar em matéria de equipamento os estabelecimentos de ensino e apoiá-los quanto à utilização dos media.

<sup>9</sup> Em Chaves (1998), encontramos uma resenha detalhada das dissertações defendidas na 1ª edição do Mestrado de Tecnologia Educativa da Universidade do Minho (1991-92).

- Difusão de publicações e animação pedagógica.

Estes Centros de Recursos dependem das Direcções Regionais de Educação e são exemplos os da DREN (Porto) e os da DREC (Coimbra).

4.2. *PRÓmedia: Centro de Recursos do PRÓfessor- Centro de Formação de Professores de Matosinhos*, existe desde 1993 e tem como objectivos:

- Informar e sensibilizar os professores para a integração das tecnologias educativas na sala de aula.
- Ajudar e aconselhar os professores e escolas em matéria de equipamento.
- Elaborar programas de intervenção e animação de estágios ligados às aplicações pedagógicas dos diversos media.
- Apoiar os professores na concepção e produção de documentos pedagógicos.
- Organizar e um Centro de Recursos Educativos que responda às necessidades das escolas associadas.

Este centro de recursos, como outros criados pelas associações de escolas, tem a particularidade de estar muito próximo das realidades das escolas e dos professores e, assim, poder dar respostas mais eficazes e adequadas às necessidades sentidas pelos agentes educativos.

4.3. *Centros de recursos das escolas*. Todas as escolas possuem recursos educativos. Se nem sempre esses recursos estão devidamente organizados numa estrutura orgânica definida, eles existem e estão lá, ao serviço da educação. O que se impõe, então, é organizar e dinamizar esses recursos no sentido de facilitar e otimizar a sua utilização de acordo com exigências didáctico-pedagógicas, tal como muitas escolas já o têm feito. São estruturas que desempenham um importante papel educativo porque, para além do apoio aos professores, eles podem ser um espaço particular de educação quando permitem o acesso directo dos alunos.

4.4. *Projecto Público na Escola*. Apesar deste projecto se ter iniciado com actividades relacionadas com a imprensa escrita, a sua abrangência em termos de educação para os media foi-se alargando para outras linguagens, nomeadamente o audiovisual. A publicação *O Cinema e a Escola* (Pinto e Santos, 1996) reúne um conjunto de informações e experiências relacionadas com a utilização do cinema em situações de educação. Apesar de se tratar de linguagem cinematográfica, nesta publicação é evidente a importância da tecnologia vídeo como suporte e como media nos projectos educativos relacionados com essa linguagem audiovisual. O site deste projecto, <http://pubnaesc.publico.pt>, é rico em informações e materiais sobre os diferentes media e, em particular, sobre a utilização do vídeo em educação.

4.5. *Centro de educação para os media* do IIE – Instituto de Inovação Educacional

Este projecto do IIE está alicerçado nas seguintes finalidades da educação para os media:

- promover a formação de “leitores” activos,
- preparar “exploradores” de informação autónomos
- formação de mensagens.

Com estes propósitos, o IIE criou um centro de recursos educativos, que dinamiza projectos de acção de educação para os media junto das escolas e divulga publicações e instrumentos didácticos, tais como guiões, fichas de actividades e documentos audiovisuais e multimédia em suportes diversos. Tudo isto pode ser consultado no site do <http://www.iie.min-edu.pt>. Algumas das suas actividades merecem destaque neste artigo, pela relação próxima que tem com a tecnologia vídeo.

#### 4.5.1. Concurso de vídeo escolar

O IIE, na sua qualidade de representante nacional do CIME/ICEM, organiza anualmente um concurso de vídeo escolar, em articulação com o Concurso Internacional “Audiovisuel et École” da responsabilidade daquelas instituições (IIE, 2001)

Este concurso tem como objectivos introduzir e fomentar a utilização das linguagens audiovisuais em contextos de ensino-aprendizagem e estimular o intercâmbio entre os países neste domínio. O concurso é dirigido a alunos dos ensinos básico e secundário, a alunos e professores de instituições de formação de professores e a professores. Para além dos prémios nacionais, os melhores trabalhos ficam seleccionados para participar no concurso internacional “Audiovisuel et École”

4.5.2. “*Clip-Inovação em vídeos*” é um projecto da Oficina Pedagógica do IIE<sup>10</sup> iniciado em 1995 (Pires, 2000). Trata-se de uma publicação periódica em suporte vídeo constituída quase exclusivamente por materiais produzidos nas escolas. O IIE recolhe esses materiais, monta-os em cassete vídeo e distribui-os pelas escolas três vezes por ano com o título *Clip-videojornal*. Estes vídeos são considerados como instrumentos de trabalho e de formação, em que se procura dar visibilidade aos documentos vídeo produzidos pelas escolas, estimulando a sua produção em quantidade e qualidade. Há, portanto, a recusa de uma intervenção avaliadora exterior e uma aposta na criação de condições de auto-aperfeiçoamento. Foram já publicados 13 números, que correspondem a 13 videocassetes, num total de 179 documentos vídeo que devem ser encarados como “*experiências, ou o registo de experiências, que em dado momento marcaram ou contribuíram para marcar, a vivência de uma comunidade escolar*” (Pires, 2000:11).

#### 4.6. Festival Escolar de Vídeo

Sob a orientação do cineasta Lauro António, realizaram-se 3 *Festivais Escolares de Vídeo* (António, 1998) que tiveram lugar em Lisboa, Maio de 1993 e no Porto, Novembro de 1995 e Março de 1997. Estas iniciativas tiveram como intenção “estimular a produção de obras audiovisuais, entre alunos e professores das escolas portuguesas” (*idem*:213).

Este festival inclui uma parte competitiva de vídeos produzidos por alunos e/ou professores de todos os níveis de ensino das escolas portuguesas. O número de trabalhos admitidos a concurso foram: 1º festival: 186 videogramas; 2º festival: 61 videogramas; 3º festival: 129 videogramas

Limitámo-nos a identificar o grau de participação através do número de videogramas a concurso. Uma análise qualitativa dos documentos, a sua distribuição por níveis de

<sup>10</sup> Coordenado por Albano Lemos Pires, formado em *Comunicação Educacional Multimédia* (DESE da Escola Superior de Educação de Santarém).

ensino e por alunos e professores e, ainda, a análise dos contextos pedagógicos em que foram produzidos é uma proposta de investigação que apontamos como necessária.

4.7. *Encontro nacional “O ensino do audiovisual, o audiovisual no ensino”* (António, 1998). Organizado no Porto em Março de 1997, em paralelo com o 3º Festival de Vídeo Escolar, tendo reunido personalidades ligadas ao ensino, ao cinema e ao audiovisual. Foram debatidas temáticas relacionadas com *o ensino do audiovisual e a utilização do audiovisual no ensino*. Para além da participação de especialistas em comunicação audiovisual e comunicação educativa, foram apresentadas experiências educativas diversas, desenvolvidas em contextos escolares, em que o audiovisual ou funcionou como objecto de estudo ou como mediador de objectivos curriculares.

#### 4.8. *Outras iniciativas*

Para além das iniciativas atrás identificadas, muitas outras têm sido desenvolvidas, com alguma regularidade, em diferentes regiões do país. Pelo esforço intencionado que integram em prol da educação para os *media* e sua utilização em contextos escolares, assinalamos as seguintes iniciativas: Ovarvídeo-Festival Nacional de Vídeo de Ovar (5ª edição em 2000); Encontros de Avanca – Encontros Internacionais de Cinema, Televisão, Vídeo e Multimédia; TeleCiência – Festival do Filme Científico, Vila Real; Festi-Viana - Festival de Cinema de Viana do Castelo.

#### 4.9. *Livros de autores portugueses publicados em Portugal sobre a utilização do vídeo em contexto escolar*

Pela sua importância na divulgação da tecnologia vídeo e implementação de práticas desejáveis, a publicação de obras merece também destaque neste artigo. Consideramos ser um dado importante para avaliar a “força” que esta temática terá junto do público. Nesta pesquisa são excluídas as publicações que tratam exclusivamente da tecnologia ou da linguagem vídeo, já que não fazem qualquer referência à sua utilização em contextos escolares.

Das pesquisas efectuadas em bibliotecas, editoras e instituições, identificamos as seguintes publicações que abordam a tecnologia vídeo e sua utilização em situações de educação: ABRANTES, COIMBRA e FONSECA (1995); ANTÓNIO (1998); PINTO e SANTOS (1996); PIRES ( ); PIRES (2000); RIBEIRO, DIAS e RELVAS (1992); SILVA (1989); SILVA (1996); SOUSA (1992).

São 9 publicações que dão vida a um corpo conceptual na educação através do vídeo e que apresentam propostas didácticas concretas. No entanto, não reflectem a investigação que tem sido realizada em Portugal, pois, apenas um dos livros (Silva, 1998) é resultado dos trabalhos de investigação já referidos neste artigo (Silva, 1987). Pensamos ainda haver espaço para novas publicações que abordem propostas concretas de utilização educativa do vídeo e sua gestão e organização na escola.

### 5. **Que futuro para o vídeo nas escolas?**

A identificação das iniciativas, trabalhos de investigação e publicações, apresentado neste artigo, são um ponto de partida para uma análise, que se quer qualitativa, da conceptualização realizada no âmbito da utilização educativa do vídeo nas escolas portuguesas. Abordar o futuro do vídeo nas escolas em Portugal implica, obrigatoriamente,



um conhecimento correcto da evolução ocorrida com a utilização do vídeo desde o seu aparecimento nas escolas e conhecer a sua realidade actual. Por outro lado, o vídeo educativo terá de ser analisado numa abordagem sistémica em que outros meios de comunicação educativa, a gestão e organização das escolas, as orientações curriculares e a formação dos professores constituem peças fundamentais, já que condicionam a evolução da sua utilização.

A utilização do vídeo em educação tem uma história de pouco mais de uma década. A formação inicial de professores em tecnologia educativa começou há pouco mais de 20 anos. Os dados recolhidos pelas diferentes investigações em tecnologia educativa realizadas em Portugal (Loff, 2001; Moderno, 1993; Oliveira, 1996; Silva, 1989 e 1998) apontam para um deficiente apetrechamento das escolas, organização insipiente de centros de recursos, reduzido apoio técnico-pedagógico aos professores com dificuldades acrescidas ao seu trabalho e formas de utilização do vídeo inadequadas, muito provavelmente associado a formação insuficiente dos professores no que diz respeito à Tecnologia Educativa. É um retrato do panorama actual das escolas dos ensinos Básico e Secundário. Apesar do esforço de investigação quanto à utilização do vídeo em educação, esse esforço não tem sido acompanhado pela divulgação dos seus resultados, o que se atesta pelo reduzido número de trabalhos publicados e disponibilizados ao público. É evidente a necessidade de envolver mais os professores na investigação e de fazer chegar os seus resultados. Algumas respostas já foram dadas, como é o projecto *Clip-vídeojornal* do IIE e o seu site na Internet, pela visibilidade que está a dar aos projectos educativos que utilizam o vídeo e pela disponibilização de informação técnica e pedagógica de qualidade. No entanto, mais iniciativas e incentivos são necessários como contributos para uma melhoria do trabalho educativo.

Se parece consensual que a produção vídeo em contextos educativos não deve ser orientada, exclusivamente, por critérios de qualidade técnica e estética do documento<sup>11</sup>, também não será de esperar um trabalho continuado se essas características não existirem nos videogramas produzidos pelas escolas. O vídeo educativo, para além das suas características didáctico-pedagógicas, também terá de corresponder a exigentes critérios de qualidade técnica e expressiva (Jacquinot, 1992), componentes essenciais no processo de comunicação e de motivação. Por estas razões, os professores necessitam ter acesso a apoio técnico especializado na linguagem vídeo para que se possam conciliar as exigências pedagógicas com as exigências expressivas e técnicas do vídeo.

O vídeo em suporte digital abriu um novo campo de utilização do vídeo pelas enormes possibilidades de interacção e pela associação da linguagem vídeo a outras linguagens. O vídeo pode, então, também ser visto como fazendo parte de um documento multimédia interactivo, de leitura não linear. A montagem vídeo em suporte digital trouxe a possibilidade de se criar produtos vídeo com boa qualidade técnica, tornando a produção vídeo torna-se mais fácil e mais motivadora para os professores e alunos.

## 6. Conclusão

Por tudo o que foi analisado, apontamos quatro vertentes essenciais para uma transformação da realidade do vídeo nas escolas portuguesas:

<sup>11</sup> Uma das críticas que se tem feito à produção vídeo nas escolas é exactamente a sua falta de qualidade técnica e expressiva.

1. Investigação: incentivar a investigação em Tecnologia Educativa junto das escolas.
2. Formação: manter a formação inicial e incentivar as Pós-Graduações e a formação contínua de professores em Tecnologia Educativa. Incentivar a formação dos Auxiliares de Acção Educativa.
3. Gestão e organização das escolas: adequação dos recursos tecnológicos e dos espaços de trabalho.
4. Centros de Recursos: dinamizar a criação de centros de recursos a nível de escola, agrupamentos de escola e/ou áreas geográficas. Estes centros deverão ter como finalidades apoiar o trabalho educativo, disponibilizando equipamento e materiais, apoiando técnica e pedagogicamente os professores e incentivando a produção de documentos.

Apostamos numa linha de continuidade com o que tem sido realizado até ao momento, valorizando o que tem sido feito, mas com uma preocupação de reforçar os efeitos da investigação em Tecnologia Educativa nas escolas, aproximar ainda mais os centros de recursos educativos à realidade e necessidades das escolas e professores, dotando-os de recursos técnicos e humanos especializados em Tecnologia Educativa, capazes de orientarem técnica e pedagogicamente a comunidade escolar e incentivar a formação dos agentes educativos.

### **Bibliografia referenciada**

- ABRANTES, José C.; COIMBRA, C.; FONSECA, T.; Orgs., (1995). *A Imprensa, a Rádio e a Televisão na Escola*. Lisboa: IIE.
- AFONSO, Paulo (1995). *O vídeo como recurso didáctico para a identificação e desenvolvimento de processos metacognitivos em futuros professores de matemática durante a resolução de problemas* (tese de mestrado). Braga: Universidade do Minho
- ALMEIDA, José Manuel (1994). *Aproximação a uma metodologia de concepção de videogramas para o ensino a distância* (tese de mestrado). Lisboa: Universidade Aberta.
- ALMEIDA, Vitor (1998). *Videoconferência. Um instrumento para a educação do século XXI* (tese de mestrado). Lisboa: Universidade Aberta
- ANTÓNIO, Lauro, coord., (1998). *O Ensino, O Cinema e o Audiovisual – Comunicações do 1º Encontro Nacional “O Ensino do Audiovisual, o Audiovisual no Ensino”*. Porto: Porto Editora
- BARBOSA, Celeste (1999). *O vídeo como praxis educativa no jardim de infância* (texto policopiado). Braga: Instituto de Estudos da Criança.
- BARRELA, Nuno (1998). *Processos de construção em audiovisual educacional* (tese de mestrado) Lisboa: Universidade Aberta.
- BARROCA, Romeu, (1996). *O videograma educativo: uma proposta de elaboração* (tese de mestrado). Braga: Universidade do Minho.
- BRAGA, Margarida (1999). *O vídeo e a criança no jardim de infância um itinerário educativo* (texto policopiado). Braga: Instituto de Estudos da Criança.
- BLANCO, Elias e SILVA, Bento (1993). *Tecnologia Educativa em Portugal: conceito, origens, evolução, áreas de intervenção e investigação*, *Revista Portuguesa de Educação* 1993, 6 (3), 37-55
- BRANCO, Alberto (1999). *O contributo dos mass média (cinema, televisão e imprensa) no ensino da história: uma investigação no âmbito da formação dos conceitos de nacionalismo e revolução* (tese de mestrado). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- CAEIRO, Domingos (1993). *Aura e simulacro. Imagem, vídeo e ensino a distância* (tese de mestrado). Lisboa: Universidade Aberta.

- CALDAS, José (1992). Utilização de spots publicitários e reportagens de curta duração na sala de aula. In ABRANTES, COIMBRA e FONSECA Orgs., (1995). *A Imprensa, a Rádio e a Televisão na Escola*. Lisboa: IIE.
- CARVALHO, Ana (1993). Utilização e Exploração de Documentos Audiovisuais, *Revista Portuguesa de Educação*, 6 (3), 113-121
- CASTILHO, Vitor (1995). *A metodologia de suporte audiovisual diferenciado no ensino básico presencial e mediatizado* (tese de mestrado). Braga: Universidade do Minho.
- CHAVES, José (1998). Mestrado em Educação, área de especialização de Tecnologia Educativa, Resumo das dissertações, 1ª edição do curso. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia / Universidade do Minho.
- DIAS, Paulo (1989). *A rede analógica interactiva: Um modelo de desenvolvimento multimedia da aprendizagem cognitiva* (tese de doutoramento). Braga: Universidade do Minho.
- FERRAZ, Nelson (1995). *O vídeo e a leitura - uma ponte unificadora* (tese de mestrado). Braga: Universidade do Minho
- GONÇALVES, Helena (1993). *Discurso vídeo em física: uma experiência exploratória* (tese de mestrado). Lisboa: Universidade Aberta.
- GUERREIRO, Maria João (1997). *Contributos para a didáctica da história. Concepção/produção de videogramas para o ensino-aprendizagem da história* (tese de mestrado). Lisboa: Universidade Aberta.
- HENRIQUES, Eurico (1996). *O contributo do discurso vídeo no ensino/aprendizagem da História* (tese de mestrado). Lisboa: Universidade Aberta.
- IIE, (2001). <http://www.iie.min-edu.pt>
- JACQUINOT, Genevieve (1992). Más allá de un género, por una nueva retórica de los programas educativos. In Pons e Drets, (1992). *Las nuevas tecnologías de la información en la educación*. Sevilha: Alfar. 31-45
- LOFF, Alexandre (2001). Uso didáctico do documento audiovisual, na perspectiva do professor. In *Actas da II Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação*. Braga: Universidade do Minho. 723-734.
- MARTINS, Ana Paula (1996). *Era uma vez... Um videograma, Uma aula de ciências naturais, uma escola, um estudo exploratório* (tese de mestrado). Lisboa: Universidade Aberta.
- MODERNO, António (1993) A comunicação Audiovisual nas Escolas Portuguesas., *Revista Portuguesa de Educação*, 6 (3), 11-17.
- MODERNO, António, (1984). *Para uma pedagogia audiovisual na escola portuguesa: ensinios preparatório e secundário* (tese de doutoramento). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- NEVES, Ana (1999). *A TV, o vídeo e as emoções nas crianças os efeitos especiais* (texto policopiado). Braga: Instituto de Estudos da Criança.
- NEVES, José. (1999). *A câmara de vídeo no 1º Ciclo do Ensino Básico um caso de investigação-acção* (texto policopiado). Braga: Instituto de Estudos da Criança.
- OLIVEIRA, Henrique (1996). *Os meios audiovisuais na escola portuguesa: recursos existentes no distrito de Aveiro e sua utilização pelos docentes* (tese de mestrado). Braga: Universidade do Minho.
- OLIVEIRA, Maria Teresa (1995). *Alfabetização visual dos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico. O videograma "acrobata no jardim à noite"* (tese de mestrado). Lisboa: Universidade Aberta
- PINTO, Manuel e SANTOS, António (1996). *O Cinema e a Escola – Guia do professor*. Lisboa: Jornal Público.
- PIRES, Albano (org.). (2000). *Clip-Inovação em Vídeos 1995/1999: guiões de exploração em aula*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional
- PIRES, Teresa. ( ). *Videogramas para as ciências da terra e da vida : ensino básico* . Lisboa : Instituto de Inovação Educacional.
- Público na Escola, (2001). <http://pubnaesc.publico.pt>,
- RIBEIRO, Carlos; DIAS, J. e RELVAS, L. (1992). *A televisão e o vídeo na formação*. Lisboa: IIEFP.

- RIBEIRO, Lúcia (1999). *O vídeo como instrumento de partilha de experiências de aprendizagem no Jardim de Infância* (texto policopiado). Braga: Instituto de Estudos da Criança.
- RIBEIRO, Maria Teresa (1999). *O vídeo na prevenção da toxicod dependência. Um ensaio com pré-adolescentes* (tese de mestrado) Lisboa: Universidade Aberta.
- ROSA, Isabel (2000). *Educação para os media, pensamento crítico e produção vídeo* (tese de mestrado). Lisboa: Universidade Aberta.
- SERRA, Paulo (1996). *O contributo da disciplina de tecnologia da fotografia e do vídeo para a dinamização da comunicação audiovisual na escola - Uma experiência vídeo na Escola Secundária de Almeirim* (tese de mestrado). Lisboa: Universidade Aberta.
- SILVA, Armando (1996). *Video educativo- da produção à utilização*. Cadernos Correio Pedagógico. Porto: Edições ASA
- SILVA, Bento D. (1989). *Os recursos didáticos numa perspectiva de Tecnologia Educativa. Estudo sobre a sua situação a rede escolar do distrito de Braga* (tese de mestrado). Braga: Universidade do Minho.
- SILVA, Bento D. (1998). *Educação e Comunicação. Uma análise das implicações da utilização do discurso audiovisual em contexto pedagógico* (tese de doutoramento) Braga: Universidade do Minho.
- SILVA, Bento D. (1989). Os recursos didáticos na rede escolar do distrito de Braga, *Revista Portuguesa de Educação*. 2 (2), 107-128
- SILVA, Maria de Fátima (1999). *Aspectos dos meios audiovisuais no Ensino*. (tese de mestrado). Lisboa: Universidade Aberta.
- SOUSA, Rocha de. (1992). *Ver e tornar visível : formulações básicas em cinema e vídeo*. Lisboa : Universidade Aberta